

PREÂMBULO

DONOS DA VERDADE

Encontramos, via de regra, pessoas dominadoras, autoritárias, donas da verdade, polêmicas, radicais quantas! São expoentes do orgulho, vaidade, presunção, exibindo rigidez, inflexibilidade. Desejam fazer prevalecer seus pontos de vista, suas ideias, sua forma de pensar, de ver e conceber o mundo, tendo manifesta dificuldade ou inacessibilidade em não admitir as imperfeições humanas, em acolher opiniões alheias contrárias.

A impostura, quando não a violência, em controlar sentimentos, dominar pensamentos e ações dos outros! Avalanches de ordens, preconceitos, constrangimentos. Geram, com isso, insatisfação, desrespeito à individualidade e à singularidade alheias. A mania de apontar erros, obviamente os de terceiros, de criticar, julgar, pondo a si e aos outros de seu convívio, em constante estado de desgastes, de batalhas e hostilidades.

Ainda não entenderam que o ser humano, em sua essência, é diverso, não é uma produção seriada, um robô a ser movido por interesses personalistas ou paranoicos. Todos temos divergências – de gostos, opiniões, crenças, posições políticas e doutrinárias, ritmos, caminhos, manias, formas específicas de ver o mundo e há que serem preservadas, respeitadas. Divergências, pois, não implicam em conflito, animosidade; são uma imperiosa necessidade para pessoas e grupos que vivem em sociedade, funcionando como instrumentos do direito à expressão e à ação legítimas, a serem resguardados pertinazmente. Ouvir o que o outro defende, buscar entendê-lo, não prejudicá-lo, sem, porém, ceder por mero temor, intimidação, não se distanciando ante aqueles com quem se tem divergências ou que se colocam acima das boas normas de convivência ou da lei.

A uniformidade de opiniões é algo impossível, ainda que imposta por grupos ideológicos ou religiosos radicais, geralmente de viés bárbaro, psicótico. Afinal, ideias, valores, princípios civilizatórios são inegociáveis. Devemos aprender com a multiplicidade do mundo, a flexibilidade da natureza, interagindo com o meio e as pessoas, sempre de forma harmoniosa, respeitosa, de diálogo, sem a preocupação de supremacia, proselitismo, intolerância. Vejamos o exemplo da água que contorna, com equilíbrio, os obstáculos, seguindo em frente, rumo ao mar.

Segundo o psicólogo austríaco Alfred Adler (1870-1937), os exageros e abusos em nosso comportamento individual são uma máscara, uma dissimulação para as (nossas) tendências inconscientes opostas. Pessoas excessivamente puritanas, moralistas, escondem desejos sexuais reprimidos, inconfessáveis. Aquelas dominadoras, despóticas, arrogantes ocultam, na verdade, sua fragilidade e inferioridade internas.

AO PÉ DA FOGUEIRA

UM ÚNICO PECADO

A roda, naquele bar nas proximidades do posto de combustíveis, era sempre fogueira, barulhenta. Amigos que se reuniam, com frequência, para comer e beber, farra amigável, rateando-se, ao final, as despesas. E os arrulhos e barulhos, aliados ao agradável cheiro dos pratos, espalhavam-se até a rua, atraindo, por vezes, mais comensais, ampliando a confraria. Ainda mais, quando o dono preparava um prato especial, muitas vezes na surpresa, no suspense – dobradinha, vaca atolada, caldo, maneco com ou sem jaleco – o pessoal comparecia animado, engalanado, “enjambado”, disposto a pândegas.

Naquele domingo, enquanto saboreavam um substancioso, bem temperado caldo de peixe, iniciam-se as brincadeiras, firulas entre os participantes do “clube”. Passa-se a relacionar os “pecados” dos presentes.

- Você, Zeca, tem, no mínimo, uns dez pecados e dos mais capitais – gula, preguiça, luxúria...

- Pode parar...Oê, Quincas, tem mais de vinte, talvez uns cem... Mas, por camaradagem e respeito à nossa amizade, prefiro não relacionar...

E, assim, iam sendo enumerados “pecados”, “vícios”, caídas e recaídas dos presentes, inclusive do proprietário, que compartilhava e estimulava a “confissão comunitária”, aberta aos ouvidos de todos.

Um dos confrades ali, por apelido Huck, era assíduo frequentador daquela sesteada. Era ele dado a “sermões”, admoestações, por muitos chamado de “pregador”... Conhecido por sovina, ou até mesmo inzoneiro. Nos rateios do grupo, era sempre escorregadio, mas acabava acertando a sua parte. E com muita dificuldade. O bolso do homem tinha escorpião. Começa ele, por sua vez, a nomear os “pecados” dos companheiros. Não vai longe. Um dos participantes o interrompe, dirigindo-se aos demais:

- Minha gente, o nosso Huck, o pregador da turma, quantos pecados tem?

- Um só, respondem todos em uníssono, em um monumental coro.

- Qual?

- O pregador é mau pagador!



ADIVINHAS

- 1- Eu tenho uma enxada, uma pá e uma foice. Quantas ferramentas eu tenho?
- 2- O que é que quando parte uma partem as duas, quando chega uma chegam as duas?
- 3- Qual a coisa mais veloz do mundo?
- 4- O que é que nós matamos quando está nos matando?

Respostas: 1- Duas, porque uma foi-se; 2- Pernas; 3- O pensamento; 4- A fome

Provérbios e Adágios

- Na pataca do velhaco, o diabo tem dois terços.
- Desconfiado dorme de olho aberto.
- Deus é urgente, sem pressa.

Para refletir:

- Quando um ser humano desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor. *(Goethe)*
- Há certos pensamentos mais fortes que nós. A harmonia é o processo de mútuo ajustamento entre coisas dessemelhantes, de diferentes espécies e de ordem desigual. *(Filolau 470.aC – 385aC)*
- Deus não tem mãos a não ser as nossas. *(Santa Teresa de Ávila)*
- O homem acumula para um ano, mas não sabe que pode morrer antes do anoitecer. *(Tolstoi)*

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Patricia Dayany Carvalho

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Patrícia Dayany Carvalho

Correspondência de Dona Darcy

Caríssima Ermínia Caputo,

Com seu “saber” o Boletim Cultural de São Tiago, foi enriquecido com um “Sabor” especial. Em agosto com os textos “A Praça II” e o “Inventor do Tinteiro Econômico”, sua leitura tornou-se mais rica e agradável. Ambos focados no nosso percurso de vida.

Em julho, foram acrescentados no pequeno e modesto jardim de Morro do Ferro, mais seis bancos, ofertados por familiares da localidade. Concluído o trabalho, fiz um cortejo entre os mesmos verificando os respectivos doadores.

Tarde fria, sol rumando para o poente, assentei-me no que meus filhos e eu ofertamos. No entorno da minha visão vislumbrei casos existentes ou reconstituídos. Recordações, lembranças e saudades de quem hoje ocupa um espaço imaginável. Outras habitadas por seus descendentes e junto deles perpetuam nossa amizade.

Mergulhada no infinito e aquecida pelos derradeiros raios solares, percorri a pracinha, castigada pela seca e mesmo assim, bem viva, pela beleza das rosas em pencas.

Nesta trajetória memorizei a leitura dos doadores dos bancos, alguns comunicados pelo tempo que nada perdoa. Ao todo cerca de trinta bancos, colocados na década de setenta e dois, talvez, pelo prefeito Dr. João Haddad, idealizador do jardim. O cidadão ou empresa, gravados na legenda perpetuaram um existir no valor da doação. Para muitos são anônimos, para outros eternizados na leitura da memória.

O banco de uma praça é acolhedor, aconchegante, prazeroso e repouante. Quantos “causos”, juras de amor, segredos, papos amigáveis, desabafos estão guardados no rígido cimento? Enigmas jamais decifrados!

Dos nomes por você citados, lembro-me de Dr. Ary, médico em Bom Sucesso, cujo profissionalismo e competência eram referência em vasta região. Conheci também D. Maria Luiza, sem saber que era famosa parteira. Francisco Elói de Oliveira, Padre, Monsenhor, Capelão da FEB. Não foi apenas vigário dedicado e zeloso, mas a alavanca que impulsionou o progresso de São Tiago. Grande empreendedor!

Monsenhor Elói prestou assistência à Paróquia de São João Batista. Virtuoso, exigente e dinâmico. Somos gratos às suas virtudes e reverências sua memória.

Relembramos Sr. Vicente Mendes, um trabalhador de visão comercial avançada no tempo, amigo de tantos amigos. Às terças-feiras comercializava em Morro do Ferro e seguia até Passa Tempo. Era quase uma barganha de mercadorias. Vendia e comprava. Figura marcante, carismática e um mercador de alegria.

Com você, Ermínia, valorizo os que construíram nossa história, ou seja, os grandes beneméritos! Alguns estão registrados em placas e bancos das praças, outros no coração.

Para mim, hoje, o mais importante, talentoso, culto, progressista, sonhador, realizador e benfeitor de São Tiago, não tem o nome gravado no banco da praça, mas no Banco SICOOB CREDIVERTENTES. Na comemoração dos 30 anos de fundação do banco, como ex-aluna, presto minha homenagem ao intelectual e batalhador prof. João Pinto de Oliveira.

Atenciosamente,

Darcy Gonzaga de Andrade
Morro do Ferro.

A Sr^a Ermínia Caputo e o Sr. João Pinto de Oliveira agradecem sensibilizados, às amáveis referências e encômios feitos pela ilustre Sr^a Darcy Gonzaga de Andrade.

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



Brincadeiras Infantis:

QUEIMADA / A DIREITA ESTÁ VAGA

Ainda os folgedos e brincadeiras infantis, que permearam e povoaram o passado de tantas gerações e que aqui vamos reproduzindo em nossas modestas páginas. Servirão, sem dúvida, para algum projeto futuro (resgate de nossas riquíssimas tradições), quando autoridades e sociedade valorizarem nossas raízes folclóricas e valores culturais

I - QUEIMADA

As crianças se separam em 2 grupos. Um, de um lado; o outro, de outro lado. No meio dos dois grupos, na mesma distância, traça-se uma linha, chamada fronteira. Cada grupo se distancia da fronteira, alguns metros. Atrás de cada grupo é traçada uma segunda linha, denominada cemitério, para quem for desclassificado, ou seja, cada grupo tem o seu cemitério.

Os componentes do 1º grupo chegam à fronteira e atiram a bola no 2º grupo, lembrando que a bola é sempre atirada com a mão.

Se a bola acertar alguma criança do 2º grupo, esta irá para o cemitério do 1º grupo. Se a criança consegue pegar a bola, ela passa, então, para o 2º grupo e este fica com o poder de atirar a bola. No final, o grupo que tiver o menor número de crianças no cemitério, venceu.



II - A DIREITA ESTÁ VAGA

Os participantes assentam-se bem pertinho uns dos outros. A pessoa que ficar com o banco da direita, vago, deve chamar outra pessoa para ocupar aquele lugar. Os participantes são chamados pelo próprio nome ou, então, pelo nome de uma flor (os nomes de flores são destinados às mulheres componentes da turma). Para que não haja confusão ou repetição de nomes, alguém do grupo faz o controle e a organização dos nomes.

Começa a brincadeira. A pessoa que estiver à esquerda do banco vago, diz: - “Minha direita está vaga; quem se senta aqui é a rosa (ou jasmim, ou margarida etc.)” O que for chamado, deve imediatamente ocupar o lugar (direita do banco), ficando o seu, todavia, vago. O da esquerda – onde se deu a vaga – deve chamar outro imediatamente, de modo a não ficar nenhum lugar vago. Um chama, outro sai; outro chama e assim continua e rapidamente. Aquele que atrasar em chamar ou em atender (o chamado), deve pagar uma prenda. Há, para tal, o encarregado da cobrança. Este, geralmente, com um chapéu é que faz a coleta das prendas, que poderão ser: um espelho de bolso, um anel, um grampo de cabelo, um bombom etc. Alongando-se demais a brincadeira, costuma-se dar início às sentenças. O coletor, de olhos fechados, apanha uma prenda, sem que os outros saibam de quem é e pergunta aos demais:

- Que sentença vocês dariam ao dono desta prenda?

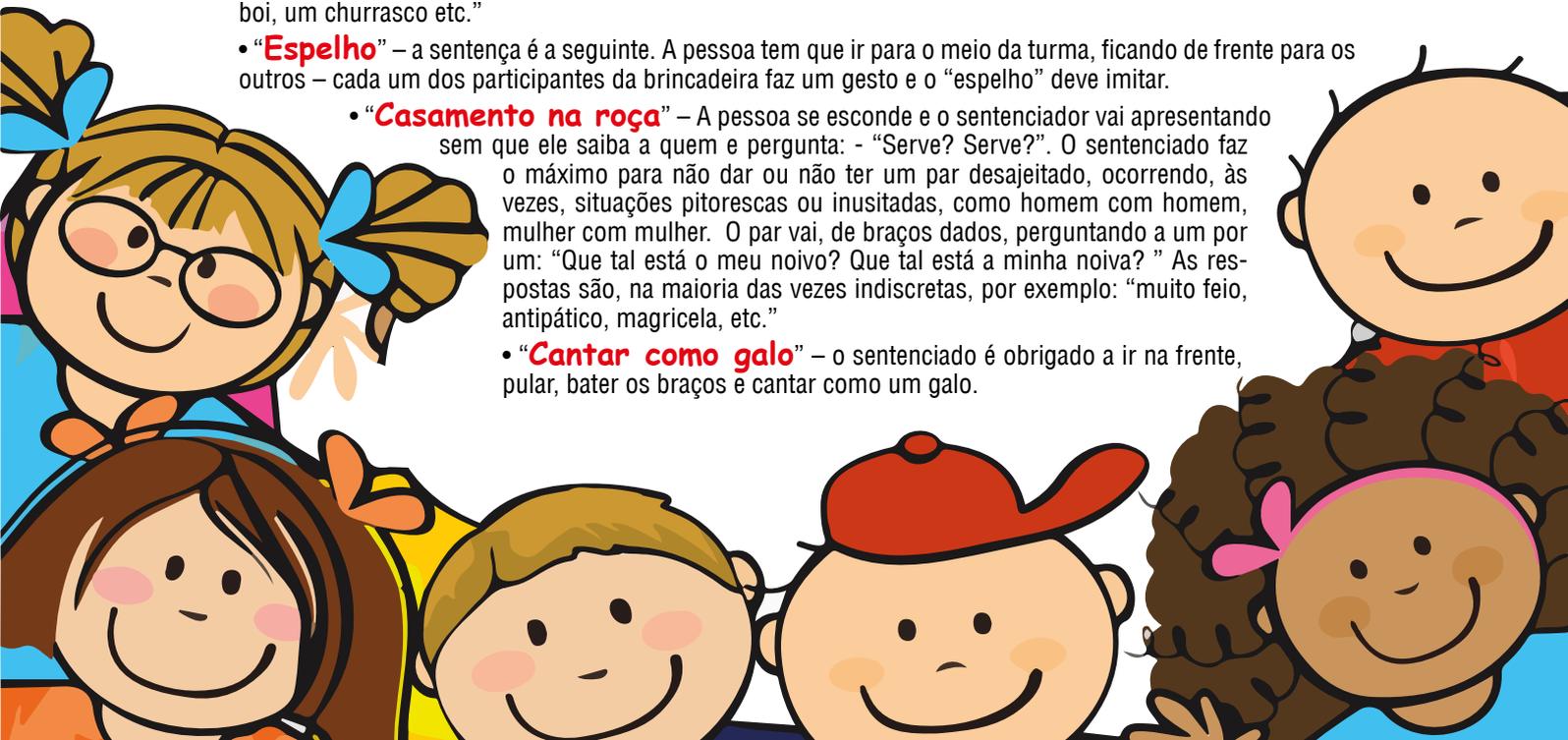
O que disserem ou definirem é executado. As sentenças podem ser: “Se a minha boca fosse um forno”, “Espelho”, “Casamento na roça”, “Cantar como galo” etc.

• **“Se a minha boca fosse um forno”** – O sentenciado percorre a roda, perguntando, a um por um: “Se a minha boca fosse um forno, o que você assava nele?” Respondem: “Um bolo gostoso, um frango, um boi, um churrasco etc.”

• **“Espelho”** – a sentença é a seguinte. A pessoa tem que ir para o meio da turma, ficando de frente para os outros – cada um dos participantes da brincadeira faz um gesto e o “espelho” deve imitar.

• **“Casamento na roça”** – A pessoa se esconde e o sentenciador vai apresentando sem que ele saiba a quem e pergunta: - “Serve? Serve?”. O sentenciado faz o máximo para não dar ou não ter um par desajeitado, ocorrendo, às vezes, situações pitorescas ou inusitadas, como homem com homem, mulher com mulher. O par vai, de braços dados, perguntando a um por um: “Que tal está o meu noivo? Que tal está a minha noiva?” As respostas são, na maioria das vezes indiscretas, por exemplo: “muito feio, antipático, magricela, etc.”

• **“Cantar como galo”** – o sentenciado é obrigado a ir na frente, pular, bater os braços e cantar como um galo.



RUA PASCOAL CAPUTO NETO

Falar de PASCOAL CAPUTO NETO é algo desafiador, emblemático. São-tiaguense ilustre, modesto em todos os sentidos, harmonioso em seus atos, despojado de títulos e honrarias, levou o nome de nossa terra a todos os recantos do Estado e quicá de tantas outras partes do País.

Realizado social e profissionalmente em suas atividades, empresário vitorioso na área de eletrônica, pai de família e cidadão modelar, dotado de enormes méritos pessoais, intelectuais que o tornaram estimado e reconhecido além de nossas fronteiras.

Filiado à Ordem Maçônica, dedicado a profundos estudos e exaustivas pesquisas, tornou-se uma referência nacional na área da Ritualística, Simbologia e Cerimonialística, ocupando as funções de consultor e revisor, a nível do Grande Oriente de Minas Gerais (onde exerceu ainda as atribuições de Secretário de Educação e Cultura). Tais temáticas envolviam conhecimentos de História, Mitologia, Heráldica, Línguas, Direito Antigo, Linguística, Hermenêutica... E seus trabalhos granjearam-lhe respeito em todo o território pátrio e até mesmo no exterior, porquanto era detentor de várias comendas e homenagens da Maçonaria europeia. Foi ainda membro e estudioso da Ordem Rosacruz, sempre arguto, perspicaz em suas observações, na assimilação e multiplicação de conhecimentos.

Homem silencioso, operoso, obreiro de todas as horas, um iniciado que bem aprendeu a “dominar as paixões e submeter a vontade”, exercendo sempre os mais altos princípios da tolerância, do respeito mútuo, da probidade.

Como preletor maçom, viajou por todo o Estado, pelos mais distantes rincões e burgos, ministrando cursos nas áreas de Ritualística, Normas e Regulamentos Internos da Ordem, dos quais era exímio mestre, sempre com a mais elevada técnica e a mais nobre e impecável linguagem, cumprindo aquilo de que nos fala o Pe. Antonio Vieira: “O mestre transmite de sua cátedra ou de sua mesa”

Um missionário, um humanista, sem dúvida, a espalzar, com sua invejável palavra e inigualável exemplo, a primazia da verdade, do conhecimento, da fraternidade, da simplicidade.

Há que falarmos, igualmente, no notável obreiro local, atuando em todas as iniciativas e eventos em prol da comunidade, seja como dirigente, conselheiro ou colaborador, dentre tantos os clubes desportivos, Alcoólicos Anônimos, APAE, Albergue, Instituto S. Tiago Apóstolo, Loja Maçônica, sempre disponível e envolvido com o bem estar e o desenvolvimento da coletividade. Exercia, dessa forma, o seu inalienável dever de cidadão e de consciência cristã, fazendo-se presente, hora a hora, no dia a dia da vida social.

Justíssima homenagem a quem honrou o nome da terra natal e se dedicou incansavelmente à melhoria das condições sociais, culturais, educacionais, humanas e afins de seus concidadãos e contemporâneos.

(Palavras proferidas quando do descerramento das placas de identificação da Rua Pascoal Caputo Neto, antiga Rua da Bomba, Bairro Cerrado)



10 ANOS DE PASSAMENTO DE PASCOAL CAPUTO NETO

Relembramos, ao findar o ano em curso, os 10 anos de falecimento de Pascoal Caputo Neto, que nos deixou no dia 04 de dezembro de 2006, após surpreendente e fatal enfermidade. De espírito beneficente, magnânimo, dedicado ao trabalho, à família e à coletividade, Pascoal Caputo sobressaiu-se como empresário (área de comunicações), palestrante, ativista social e humanitário, membro e dirigente de várias instituições como Loja Maçônica, APAE, Alcoólicos Anônimos, Instituto São Tiago Apóstolo, clubes desportivos. Homenageado, com toda justiça, pela municipalidade e comunidade, através da Lei nº 2478, de 22/03/2013 com a denominação de Rua Pascoal Caputo Neto (antiga Rua da Bomba).

Pascoal Caputo nasceu em São Tiago, aos 12/09/1937, filho de Pascoal Caputo Rezende (Tonico Pascoal) e D^a Cecília Mendes, aqui realizando seus estudos primários. Foi durante anos funcionário da Ericsson do Brasil, empresa multinacional sueca da área de comunicações e eletrônica, tornando-se, posteriormente, empresário do setor, com firma conceituada sediada em Belo Horizonte.

Como membro ativo da Maçonaria, dados os seus elevados conhecimentos iniciáticos, atuou como preletor, palestrante, revisor, autor de inúmeros textos, regulamentos e rituais, viajando, para tal, por vastas áreas do território pátrio. Ocupou, ademais, o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Grande Oriente de Minas Gerais.

(Sobre Pascoal Caputo Neto ver matéria em nosso boletim nº LI, ano V, dezembro/2011, pág. 07)

Lance o balde onde voce está!

Um veleiro, devido à calmaria, achava-se parado no litoral norte da América do Sul. A tripulação da embarcação em desespero devido à falta de água potável. Todos estavam sedentos, necessitando de uma solução urgente.

Aproxima-se, após algum tempo, uma outra embarcação. O comandante do veleiro necessitado envia uma mensagem explicando e solicitando suprimento de água fresca. Obteve como resposta: - Lance o balde onde você está! O capitão não entendeu porque deveria lançar o balde no mar e recolher água salgada. Por mais três ou quatro vezes, mandou a mesma mensagem, recebendo, porém, sempre a mesma resposta: - Lance o balde onde você está!

O capitão, finalmente, mandou que lançassem o balde e para surpresa de todos, o mesmo veio cheio de água potável. Todos tiveram a oportunidade de saciar plenamente a sede. Milagre, eis o primeiro pensamento de todos os tripulantes da embarcação necessitada. Não. Simplesmente estavam na foz do Rio Amazonas, o maior rio do mundo, que lança milhares de toneladas de água fresca mar adentro e os marinheiros não tinham se apercebido disso. Em sua foz, as margens são tão distantes que se tem a impressão de se estar em mar aberto.

Lição: As oportunidades surgem, aparecem, muitas vezes à nossa vista, mas falhamos em reconhecê-las.



A questão da liberdade ou o preço da não ação

Há um famoso, intrigante conto de Herman Melville, renomado escritor norteamericano, que trata da questão da plena liberdade individual, de como se podendo e devendo fazer algo, não o faz. Tema do livre arbítrio, do posicionamento pessoal, seja por quê e quais razões (ideológicas, emocionais, filosóficas, religiosas, meros caprichos)

O conto "Bartley, o escrivão", publicado em 1853, discorre sobre um homem, que é contratado para trabalhar como copista num escritório de advocacia e, quando solicitado para realizar algum serviço, simples e calmamente responde: - "Eu prefiro não fazer", acabando, obviamente, por irritar seu patrão e colegas de trabalho.

Bartley, de forma renitente, desconcertante, usufrui de sua liberdade de não ação, de rebeldia ante uma sociedade com suas tarefas de trabalho rotineiras, seus mecanismos de exploração econômica, valores cínicos, instituições decadentes, quando não corruptas. O dilema ainda do patrão que se vê na contingência de despedir o empregado teimoso, de posturas estranhas, embora honesto e decente. O epílogo do conto – bem como todo o seu conteúdo – é o alto preço da liberdade, pagando-se muito caro por todo questionamento, ousadia, num mundo brutal e de cartas marcadas: demissão, fome, prisão, morte!

200 anos da chegada de SAINT HILAIRE ao Brasil 1816-2016

Vários viajantes e cientistas estrangeiros, a partir da chegada da Família Real Portuguesa (1808), estiveram no Brasil com objetivos políticos, econômicos, científicos, militares, dentre eles John Mawe, Richard Burton, Von Eschwege, Spix, Martius, Pohl, Charles Bunbury, Walsh, Langsdorff. Nenhum deles, porém, foi tão marcante quanto o botânico e naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire⁽¹⁾ que, a convite do Duque de Luxemburgo, saiu do porto de Brest, em 01/04/1816, a bordo da fragata Hermonione, desembarcando no Rio de Janeiro a 01/06.

Viajaria Saint-Hilaire por enormes extensões do território brasileiro, num total de 2.500 léguas, aproximadamente 15.000 km, sendo Minas Gerais a província por ele mais estudada e explorada. Tudo registrou em seus diários e livros – temas sobre botânica, geologia, geografia, medicina, história, modos de vestir e de se alimentar, uso de plantas medicinais⁽²⁾, a predição ambiental pelas minerações e queimadas, sobre tropeiros, indígenas, escravos, animais, minerais, a burocracia estatal, o comportamento do clero etc.

Saint-Hilaire sempre teve um olhar de simpatia, de afeição para com o povo mineiro, a quem ele tinha como o mais cordial e hospitaleiro do País. Dizia ser “um mineiro que, após ter estudado o seu País, quisesse conhecer outras partes do Brasil”. Passou o notável cientista por nossa região em março de 1819, fazendo ele particular referência às fazendas do Capão das Flores, Laranjeiras, Carapuça (Capitão Pedro), Jacaré⁽³⁾

Saint Hilaire retornou à Europa em agosto de 1822, onde passou a reunir e a publicar os resultados de suas observações botânicas e os relatos de suas viagens pelo nosso vasto território. Nomeado professor de botânica da Sorbonne em 1834. Faleceu de apoplexia aos 30/09/1853, aos 74 anos, no Castelo de La Turpinère, em Sennely, Soiret (França).



NOTAS

(1) Auguste François Cesar Prouvansal de Saint-Hilaire nasceu em Orléans, França, aos 04/10/1779, filho de Augustin François Prouvansal de Saint-Hilaire (1745-1835) e Anne Antoinette Jogues de Guédreville et Poinvillé (1755-1842). Era de família nobre, tendo realizado os seus primeiros estudos no Colégio Real Militar de Pontlevé, dirigido por beneditinos. Após a Revolução Francesa, foi enviado para a Holanda, onde estudou comércio. Retornou à França em 1802, passando a estudar botânica no Museu de Ciências Naturais de Paris, tendo como mestres Antoine Laurent Jussieu e René-Louis Desfontaines.

(2) Sobre as plantas medicinais brasileiras, Saint-Hilaire fez inúmeras observações. “Como não existem nessas localidades nem médicos nem cirurgiões, os habitantes para se curarem experimentam os vegetais que tinham à disposição e não existe colono que não possua ao alcance seus medicamentos (...) Entre tantas plantas às quais se atribuem propriedades maravilhosas, algumas existem que realmente fornecem remédios eficacíssimos. Se existisse no Brasil maior número de homens instruídos, o governo desse país faria obra de grande utilidade, nomeando em cada província uma comissão que se encarregasse de submeter a exame minucioso todas as plantas de que se utilizam os humanos para aliviar seus males. Por esse meio, poder-se-ia constituir, para os vegetais, uma matéria médica brasileira que elucidaria os colonos a respeito de remédios eficazes ou perigosos e ao mesmo tempo, daria a conhecer aos nacionais e estrangeiros grande número de plantas benéficas” (Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais” Ed. Itatiaia)

(3) Acerca da passagem de Saint-Hilaire por terras do atual município de São Tiago, ver matérias em nossos boletins nº LXX, julho/2013 e nº CIV Maio/2016.

GENEROSIDADE E ALTRUÍSMO construídos na infância

Há quem veja ou diga que as crianças são, por natureza, egoístas, pouco generosas, resistentes a compartilhar objetos ou bens com outras crianças ou adultos. Uma reputação que pesquisas recentes vêm questionando, pois muitas vezes, atitudes tidas como egoístas são naturais e recriam apenas o sentido da sobrevivência humana.

Estudos feitos por neurocientistas da Universidade de Chicago, sob a coordenação do Dr. Jean Decety, demonstram que crianças têm capacidade de agir em benefício dos outros e que até bebês são sensíveis à desigualdade. Através de técnicas de monitoramento cerebral (cognitivo-neurológico) e de rastreamento ocular, mediante a aplicação de eletrodos (eletroencefalogramas) em 57 crianças, de ambos os sexos, de 3 a 5 anos, os pesquisadores observaram que, ao assistirem filmes, vídeos, ou histórias com personagens generosos, elas demonstravam igualmente disposição para dividir, ou seja, atos de generosidade, de altruísmo observados geravam nas crianças um padrão mental controlado, a construção de uma moral interna, enfim, uma reação emocional-cognitiva a moldar a sua própria forma de agir.

Segundo o Dr. Jean Decety, o estudo por ele coordenado é uma lição valiosa para os pais. “Do ponto de vista do desenvolvimento dos marcadores neurais de cada criança, constatamos uma ligação entre a avaliação moral implícita e o comportamento moral real. Se encorajarmos as crianças a refletirem sobre o comportamento moral dos outros, poderemos estimular nelas a generosidade e a disposição de compartilhar”.

Ou seja, o aprendizado de valores se faz, se propaga por meio de ensinamentos – respostas emocionais, elaborações racionais – vindos principalmente dos pais, por estarem mais perto dos filhos e acompanham seu crescimento, ajudando-os assim na construção da generosidade, algo que precisa ser ensinado, refletido, exercitado através da família. Função que se estende, nos dias atuais, aos professores e profissionais das instituições educacionais, mormente creche, pré-escola, responsáveis pela formação futura de nossas crianças.

São, em suma, estudos que avaliam o comportamento moral humano (como agimos, como somos estimulados etc.) e como podemos mudá-lo, transmutá-lo a nosso próprio benefício e na constituição de uma sociedade harmoniosa, pacífica, generosa, altruísta.



Primórdios do 'GINÁSIO SANTIAGUENSE'



Com a instalação do Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior"⁽¹⁾ em 1927, ministração da 1ª a 4ª séries primárias, São Tiago ainda levaria tempos para a implantação do Ginásio (hoje 5ª a 9ª séries), o que se efetivaria somente em 1957, ou seja, 30 anos depois.

Uma lacuna imensa, prejuízos insondáveis para nossos educandos e toda a comunidade. Crianças e adolescentes que se formaram, nesse período, tinham que dar por encerrados os estudos ou se mudarem para outras cidades, aquinhoadas com os cursos ginásial e de 2º Grau⁽²⁾. Sabe-se que já, por volta de 1952, surgira a ideia de dotar nossa comunidade de um estabelecimento ginásial, tendo à frente destacadas figuras de nossa comunidade, dentre elas o Revmº Mons. Francisco Elói de Oliveira e o sr. Octávio Leal Pacheco.

Através de leitura de atas da época, década de 1950, tomamos ciência da 1ª reunião da fundação do "Colégio Santiaguense", realizada aos 02/09/1956, presidida pelo Revmº Pe. Tiago de Almeida (1929-1985) e secretariada pelo sr. Mauricio Jefferson Pinto. Nessa reunião foram mencionadas/explanadas as iniciativas pioneiras do vigário Mons. Francisco Elói (1915-2003) no intuito de instituição de estabelecimento de ensino ginásial, propugnando-se pela adoção/implantação imediata do curso de admissão e do 1º ano ginásial. Foi esclarecido aos presentes quanto aos contatos já mantidos, nesse sentido, junto às autoridades do Ministério da Educação e ainda da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos-CNEG⁽³⁾ e sendo eleita, por aclamação, a primeira diretoria do "Colégio Santiaguense", assim constituída: Diretor – Ulisses Alves de Faria; Vice-Diretor – Sebastião Moraes; Tesoureiro – Aurélio Ribeiro da Silva; Secretária – Maria José Fonseca

2ª Ata de Reunião da Diretoria do "Colégio Santiaguense" realizada dia 06/09/1956, sob a coordenação do presidente da comissão organizadora, Revmº Pe. Tiago de Almeida. Foi informado aos presentes – e lida a certidão de registro do "Ginásio Santiaguense" no cartório da comarca de Bom Sucesso; lida a circular nº 014 da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos-CNEG, endereçada ao Revmº Mons. Francisco Elói, contendo as exigências/requisitos básicos para a instalação de um ginásio da CNEG em nossa cidade. Os itens foram comentados pelo presidente da reunião, franqueada livremente a palavra aos presentes, chegando o plenário à conclusão de sua viabilidade. O tema mais discutido foi a exigência de um capital inicial de Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), a título de comprovação da idoneidade financeira da instituição, para o que foram sugeridas várias soluções de levantamento deste fundo: dotação de verba municipal (que, segundo o prefeito municipal sr. José Resende Santiago, seria incluído no orçamento de 1957); ainda a emissão de apólices para constituição do capital; quotização pelos pais dos alunos. Na oportunidade, o sr. Antonio Procópio de Resende, adjunto de promotor, ofereceu/subscreveu a importância de Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros), atitude louvada e aplaudida pelos presentes. Decidiu-se pela abertura do curso de admissão ainda no decorrer daquele ano (1956)

Ata da 3ª reunião da Diretoria do "Ginásio Santiaguense" realizada aos 11/09/1956, sob a presidência do Revmº Mons. Francisco Elói de Oliveira, secretaria pela profª Maria José Fonseca, onde foram tratadas a fixação de mensalidades dos alunos, escolha de professores para as diversas matérias (disciplinas), definição de horário do curso, com opção pelo horário noturno e ainda data da aula inaugural dia 01/11.

Ata da 4ª reunião realizada dia 18/08/1957, sob a presidência do sr. Jobe Batista da Mata (secretário do Ginásio de Cláudio e representante da CNEG estadual) e secretaria pela profª Ilza Rosa. Assuntos tratados: eleição do Diretório Municipal da CNEG assim definida pelo plenário: Presidente – Mons. Francisco Elói de Oliveira; Vice-Presidente: Vicente José Mendes; 1º Secretário – Ulisses Alves de Faria; 2º Secretário – Mauricio Jefferson Pinto; Tesoureiro – Ademar Mendes de Almeida. O presidente da reunião, sr. Jobe Batista da Mata, fez longa explanação sobre a CNEG-Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, sua missão educacional e social, a necessidade de constituição de um fundo (depósito) inicial de Cr\$ 200.000,00 pelo Diretório local como garantia de funcionamento/manutenção do educandário, fazendo frente a despesas operacionais; e ainda a necessidade dos professores primários se submeterem a exames de suficiência, exigidos pela legislação educacional vigente.

Ata da 5ª reunião da Diretoria do "Ginásio Santiaguense" realizada dia 02/03/1958, sob a presidência do Revmº Mons. Francisco Elói, secretariada pelo sr. Ulisses Alves de Faria. Assuntos abordados: documentação exigida pela legislação para funcionamento do ginásio; eleição da nova diretoria do educandário, que assim ficou constituída: Diretor – Mons. Francisco Elói de Oliveira; Vice-Diretor – José Geraldo da Silva; Inscrição do Diretório local da CNEG junto aos poderes públicos; trabalho de recebimento das contribuições voluntárias dos pais para fins de gratificação à diretoria e professores; tomada de providências para inscrição dos professores para as respectivas matérias curriculares; fixação do dia 05/03 para início das aulas.



Ata da Assembleia Geral da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos-CNEG, Diretoria de São Tiago, realizada dia 28/12/1958, sob a presidência do Revm^o Mons. Francisco Elói de Oliveira, para cuidar dos seguintes assuntos: 1 – eleição da nova diretoria municipal da CNEG, biênio 1959/1960, assim constituída: Presidente – José Geraldo da Silva; Vice-Presidente – Geraldo Martins Teixeira; 1^o Secretário – Ulisses Alves de Faria; 2^o Secretário – Joaquim Marques da Silva Neto; 1^o Tesoureiro – Joaquim Vivas da Mata; 2^o Tesoureiro – João Evangelista Caputo; Conselho Fiscal Efetivo – José Orlando de Campos, Manuel Gaudêncio de Sousa, Ademar Mendes de Almeida; Suplentes: Jairo Navarro de Castro, Antonio Procópio de Resende, José Jacinto Lara. 2 – Implantação das categorias de sócios nos termos estatutários – beneméritos, honorários, efetivos; 3 – Ato de louvor ao sr. Maurício Jefferson Pinto, DD. Inspetor Federal e demais professores pela cooperação e os bons serviços prestados ao Ginásio, no corrente ano; 4 – Fixação dos valores por aula ministrada e ainda gratificações ao secretário, servente e diretor.⁽⁴⁾



SARAU Homenageia Fundadores do GINÁSIO SANTIAGUENSE

Feliz inspiração do redator do jornal eletrônico “Trem de Ler” quando escreveu: “SARAU DECLAMA GRATIDÃO EM MEMÓRIA DOS FUNDADORES DO GINÁSIO SANTIAGUENSE.”

Isso mesmo, a gratidão foi declamada em prosa e verso por ex-alunos que, de forma emocionada, compareceram ao VI SARAU do IHGST, em 19/11/2016, para homenagearem seus mestres, os pioneiros, os fundadores do Ginásio Santiaguense - obra-prima de Monsenhor Elói e seus abnegados apoiadores. Todos que participaram daquela obra (professores, funcionários, autoridades municipais e cidadãos de bem) foram lembrados no telão e nas vozes dos ex-alunos, que ali representaram as centenas de jovens estudantes que passaram pelo Ginásio e pelo curso de Magistério.

Foram distinguidos, com uma Placa de Homenageados, os pioneiros fundadores e professores: Raul Wilson da Mata, José de Oliveira Santiago, Maria Célia Campos Mendonça, Maria Trindade Pinto (Professora e Secretária), Delza de Assis e Antônio Gaio Sobrinho.

Com dizeres emocionantes, um a um, foi recebendo de seus ex-alunos as mensagens cravadas naquela simples placa, para eternizar imensa gratidão.

Com muita emoção, foi cantado o Hino do Colégio Santiaguense, de autoria do Sr. Pacheco e outras belas canções que recordaram as atividades e sessões do “Grêmio Estudantil Júlia de Sena”.

Destaque foi dado, por todos, ao nome de Monsenhor Elói o idealizador da obra educacional que marcou a virada cultural de nossa São Tiago.

Com muita alegria, prestou-se um culto de gratidão àqueles que se deram ao ideal da educação e da cultura em prol da juventude São Tiaguense.

O “Memorial Santiaguense” terá um documentário deste evento, para conhecimento dos ex-alunos que não estiveram presentes.

Cairu – Dezembro de 2016



Ata da Assembleia geral do Diretório Municipal da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos-CNEG, realizada aos 26/03/1959, sob a presidência do sr. Geraldo Martins Teixeira, sendo tratados, dentre outros itens, a apresentação dos balancetes financeiro e patrimonial, inventário e respectivo parecer do Conselho Fiscal, aprovados por unanimidade.

NOTAS

(1) O Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior” foi criado em 09/10/1917 e instalado em 10/02/1927;

(2) O sistema de ensino naqueles tempos constituía-se do chamado primário, ginásial e 2^o Grau (este tinha as habilitações de científico, clássico e curso técnico, que, por sua vez, se desdobrava em várias habilitações profissionais como magistério, contabilidade etc.);

(3) A Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, hoje Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, foi criada em por jovens universitários nordestinos, tendo à frente o estudante de direito paraibano, Felipe Tiago Gomes (1921 - ...), com objetivos, ante a omissão do Estado e da sociedade, de democratizar e universalizar o ensino, levando-o a todas as classes sociais, em especial nos bairros operários, favelas, cidades interioranas etc. Pessoas capacitadas voluntariamente se ofereciam para lecionar, utilizando-se de espaços de fábricas, mesmo escolas públicas como salas de aula;

(4) Sobre o antigo “Ginásio” e “Colégio Normal Santiaguense” ver matéria em nosso boletim n^o LXXXVII mês Janeiro/2015.

Prefeitos e a crise Político-econômica

Ser gestor público, em especial o municipal, é ser desafiado a todo instante. É ser criativo, eficiente, competente, democrata, ousado. Não é lugar para acomodados, burocratas. Para tal, é eleito legitimamente, pelo voto da população, a qual passa a contar, obviamente, a prestação dos melhores serviços. Dele se exige a coesão de esforços, interação com os governos estadual e federal, parcerias com outras municipalidades e instituições públicas e privadas, planejamento, elaboração de projetos, metas definidas.

Sabe-se que os recursos (repasses oficiais, convênios) são curtos e as despesas da máquina administrativa comprometidas, inchadas – quitação de folhas de pagamento, fornecedores etc. e que se agravam em função da queda da arrecadação e da recessão vigentes no País. Os municípios brasileiros são vítimas do subfinanciamento das políticas públicas, em um modelo injusto de responsabilidades, dir-se-ia iníquo, onde a União se apropria de 2/3 dos recursos captados, legando migalhas aos municípios, perpetuando-se desigualdades, um modelo leonino de partilhamento da riqueza coletiva. Desenha-se, pois, há anos, um cenário de deficiência de recursos para investimentos em infraestrutura; muitas iniciativas, contudo, podem ser ativadas pelas administrações, como veremos:

a) Ruas sinalizadas, arborizadas, as árvores compoem uma cortina viva de oxigenação do ambiente e de proteção das construções

b) Praças com canteiros bem cuidados

c) Bairros planejados, as ruas nem longas nem curtas; passeios largos

d) Ruas livres de entulhos, lixo

O respeito para com o espaço humano e urbano, gerando conforto, comodidade, segurança para os cidadãos

Somos um País rico no sentido humano e de recursos naturais, muito maior do que nossos governantes e representantes com suas seculares mazelas, seus indigestos hábitos de poder. Um povo sofrido, espoliado, porém de histórias puras, intensas, vindas do chão e em busca de um destino superior. Os prefeitos, com criatividade, podem trabalhar o desenvolvimento sustentável das cidades, no mínimo aliviar os conflitos urbanos, dentre tantos os que envolvem segurança, saúde, educação, saneamento, mobilidade. Devem ser ativistas sociais, agindo sempre com transparência, democracia, seriedade, responsabilidade, dialogando, participando junto a população de debates, audiências, simpósios, buscando sempre alternativas para a solução dos problemas comuns e cotidianos – em uma comunidade organizada há que reinar a ordem, civilidade, o respeito ao espaço público.

O Poder Público tem de estar presente, atuar de suas forças e funções na segurança pública, em investimentos, estratégias e táticas de enfrentamento da criminalidade, que vem se mostrando aterradora, avassaladora. Impossível conviver com a insegurança crescente. Urgem políticas proativas, preventivas, mas também reativas ao crime. Uma delas a obrigatoriedade de crianças em idade escolar estarem matriculados e frequentes, inclusive responsabilizando os pais omissos. Implantação de oficinas ocupacionais e profissionalizantes. Uma reportagem de TV mostrou, há algum tempo, um prefeito no interior paulista, que, com o apoio das empresas e da comunidade, reduziu drasticamente a ocorrência de sinistros locais (área de segurança). Com a implantação de guaritas nas entradas/saídas da cidade, filmagem de placas de veículos, instalação de câmeras de vigilância nas ruas principais e ainda a aquisição de um drone para supervisão geral da cidade, diminuiu em até 80% os crimes locais, principalmente roubos e assaltos. Espantou, assim, marginais da cidade, intimidando previamente toda sorte de meliantes.

Deformação da PERSONALIDADE

Os estudiosos dão o nome de “imunização cognitiva” a uma espécie de proteção ou escudo com que pessoas se agarram a valores, credos, pontos de vista, atitudes – por mais inconsistentes e não correspondentes à realidade, à verdade, à ciência. Assim, pessoas fanáticas, psicopatas, de má fé, que se julgam e se colocam acima do raciocínio e do senso comuns. Números, fatos incontestes, argumentos lógicos e racionais não lhes têm importância. E pior, é que ainda querem impor – e até o conseguem – seus conceitos sectaristas, absolutistas, corrosivos a terceiros e à sociedade.

Fatos são distorcidos, certezas são falsificadas, manipulações explícitas, o poder da negação exercitado em defesa contra o que não querem saber, ainda que a verdade cristalina, a mais genuína lógica lhes saltem aos olhos. Pernósticos, fazem-se donos de conveniências, buscam a bajulação e a servidão alheias, o mundo moldado às suas vontades, por mais retrógradas. Tem dificuldades de ajustamento, porquanto se estruturam de forma rígida, imutável, dogmática. Ei-los nos botequins, pelas rodas, até em cátedras, tribunas, lançando suspeições, críticos ácidos de tudo e de todos, pouco construindo social e coletivamente, a não ser os seus próprios e doentios interesses – financeiros, ideológicos. Desvalorizam o suor alheio, não estimam e até desrespeitam lideranças idôneas, sadias, compromissadas com a comunidade.

Daí, em muitos desses tipos, o mau hábito, o prazer enfermigo em descobrir falhas, em falar mal, desejar o pior. Um vício cultural nefasto, de querer que as coisas deem errado, individual, empresarial ou coletivamente ou mesmo para o País. Fatores e condutas sociais que necessitam ser reavaliados, anulados, reciclados, coibidos permitindo que o otimismo, o autoconhecimento, posturas positivas aflorem, superando-se negatividades, limitações, adversidades, tamanhas deformidades de personalidade.

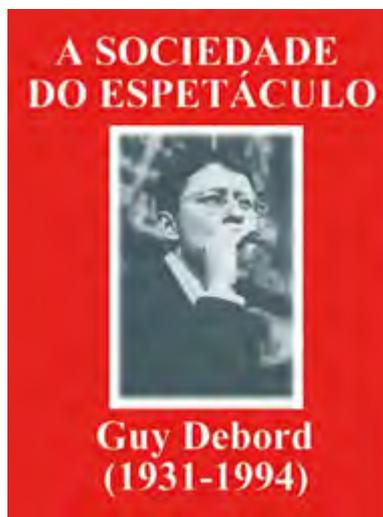


Sociedade do Espetáculo e da Opressão

Em seu excelente livro “A sociedade do espetáculo” (Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 2000), o autor Guy Debord bem aflora a mentalidade dos donos do mundo – políticos, grandes empresários, veículos de comunicação e publicidade – que buscam, através do fausto, do ilusionismo, dos exuberantes espetáculos, desvirtuar, tirar o foco das massas populares ante os graves problemas por elas diuturnamente vivenciados. E, assim, os poderosos se locupletam, a sanha e manha do poder e do ter, sempre cada vez mais, às custas da miséria e carência de multidões.

Obras faraônicas, circenses (grandes estádios, investimentos bilionários na organização de copas e olimpíadas, propagandas mentirosas, futebol, cervejada, sensualidade ostensiva) ao lado de exorbitantes, vergonhosos aumentos salariais para os privilegiados da corte, como presenciamos sempre. Para Debord, o espetáculo é a multiplicação de ícones e imagens, em especial através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, institucionais, religiosos, esportivos, musicais, aguçamento de hábitos de consumo de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias. Tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade, arrojo.

O pensador francês faz críticas tanto ao “espetáculo concentrado”, próprio de regimes ditatoriais e de manipulação mentirosa das massas (como o comunismo, nazismo), mas também da



sociedade capitalista, consumista, dita “democrática”, na qual “o espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dirigida”

Tornamo-nos, assim, reféns de um sistema dirigista, dominado por sofisticadas, quando não perversas elites financeiras, intelectuais, políticas, sindicais, religiosas, culturais, que, de uma forma ou outra, se entendem entre si, se mancomunam, sempre manipuladoras, pérfidas detentoras do poder. Uma nação nunca pronta, eis, em suma, o nosso Brasil, em que os “senhores” resistem a projetos de modernidade, de educação, de direitos participativos e inclusivos do povo. A riqueza coletiva

é usurpada secular e cotidianamente para sustentar mirabolantes privilégios. Direitos civis são fraudados pelos nobres que se investem de imunidades, foros privilegiados, salários e benesses astronômicas, se blindando perpetuamente e assim blindando abusos e ilicitudes.

Não passamos de fantoches nas mãos de tão arbitrários senhores, verdadeiros potentados feudais. Tornamo-nos sumamente passivos, escravos, operando todos ainda ao som e ao ritmo tormentoso dos remos das antigas galés ou dos pelourinhos nas praças públicas. Somos atormentados por cruéis jugos, juízos, gonzos, julgamentos e que atravessam nossa garganta, apunham nosso dia a dia, recortam nossas instâncias e entranhas. As chibatadas nos paralisaram: não demos conta de que a escravidão se encerrou e de que não podemos mais tolerar tão brutais sentenças de opressão. Sociedade sob inumano poder coercitivo, expostos e treinados todos à obediência fiscalista, burocrática, judicial, estatal, dogmático-religiosa. Até quando?!

Cena de Natal

Desvalido andarilho bate, alta noite, - noite de Natal! - à porta de isolada choupana. Um pobre filho de Deus, deveras extraviado por aqueles ermos. Débil, cheirando a lama e desamparo, sussurra:

- Amigos deste recanto, em nome do Menino Jesus, um pouso lhes é pedido!

Alguém, em vigília, em preces comovidas, ergue-se dos toscos aposentos, de cálidas paredes porém, a fim de averiguar quem chamava a tão adiantadas horas. Voz que, embora misturada à lamúria do vento e à intermitência da chuva tamborilando sobre os telhados, não lhe pareceu estranha em nada.

Furtiva figura, coração materno em curtidos trabalhos, contínua oração, rasteja os chinelos até a sala, suspende, a custo, a aldrava e os ferrolhos e o vento indócil acaba por escancarar a portinhola de tábuas um tanto corroídas. Eleva o candeeiro, buscando com o olhar e sob a pálida, mortiça luz, reconhecer quem por ali pervagava, tocava-lhe a porta.

Oh, comoção, oh tocado coração de mãe! É a sua própria alma que ela reencontra, é o filho desaparecido, desmemoriado, que, dali, há tanto partira e que o Menino Jesus, na noite de Sua sempre santificada vinda ao mundo, fizera retornar...

(Redação escolar - 1964)

Poema de uma noite de Natal

O galo bravo estende as asas e canta
A clorofila envergonha-se de estar nua na noite crua
Há um astro flutuante no espaço

Mundo - poema ligeiro
Sorriem da madrugada as estrelas escondidas
Alguém espera as aves de ouro que voarão na aurora

Um astro sobrenatural flutua no ar
- folhas novas sobre o mundo

JPO 12/64

Idílios de Natal

Natal...oh, quanta saudade me restou
dos fantasiosos tempos de criança
Noel, página louca no meu diário de infância
Natal, meu poema de inocência
Qual foi a esponja que o apagou ?!

Minhas tão douradas ilusões, minhas nuvens de sonhos
Que ventos as levaram, assim como o lobo
Rouba ao pastor, nos píncaros hostis,
A sua ovelha mais preciosa ?!

Minhas fantasias: do velho Noel, de barbas de neve,
Duende do céu que, à noite, ao primeiro zunir
Da canção dos galos selvagens, descia das estrelas
(no alvo trenó das nuvens) para deixar um presente
Nos sapatinhos esperançosos, atrás das portas...

Natal, quanta ternura! Saudades, quantas!...
Oh minha cascata de quimeras esquecida
A noite de luar tecida em estrelada manta
A velha estrada....o regato a borbulhar...Mãe!
Minha mãe, anjo santo de minha vida!...E Noel,
Eu que pedia ao velho Noel,
Que me levasse, através da lua, em triunfo pelo céu

Natal de meus idílios, que doce vaivém,
Que fatal procela o arrastou ?
Noite de Noel...da esperança, do olhar fixo além,
À espera de um cirro que se mexesse e do Menino Jesus
No berço de palha e das Três Marias, no espaço,
Lembrando os três magos de Belém
E, no entanto, nas alturas, os gatos das nuvens
lam abocanhando, aos poucos, o queijo do luar...

Saudoso Natal, quanta ansiedade ainda sinto!
Agora, aqui, estão meus sonhos todos empurpurados
Um palácio e um coração feitos todinho de ouro
vazios todos os aposentos e corredores!

JPO 12/63

